

# EUROPA

# GLOBALIZAÇÃO E

# MULTICULTURALISMO

Coordenação de Norberto Cunha

Acílio Estanqueiro Rocha . Norberto Ferreira da Cunha . Manuela  
Tavares Ribeiro . António Martins da Silva . Adriano Moreira .  
Maria Manuel Baptista . Margarida Alçada . Luísa Leal Faria .  
Arlindo Cunha . José A. Salvador . Mário Araújo . Francisco  
Ferreira . Jorge Leite . João Ferreira do Amaral . Jorge Miranda

# EUROPA

## Globalização e Multiculturalismo

© Câmara Municipal de V. N. de Famalicão/Museu Bernardino Machado

© Editora Ausência, 2005

Rua da Rampa, n.º 267

4410-250 V. N. de Gaia

Tel.: 22 713 64 62/63

Fax: 22 713 64 64

[editora.ausencia@hotmail.com](mailto:editora.ausencia@hotmail.com)

[www.editora-ausencia.com](http://www.editora-ausencia.com)

Impressão: Casagraf - Artes Gráficas, Lda.

1ª Edição: Abril de 2006

Depósito Legal: 242855/06

ISBN: 989-553-234-2

Colecção:

**C A D E R N O S - 8**

Museu Bernardino Machado

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FAMALICÃO  
MUSEU BERNARDINO MACHADO

# EUROPA

## Globalização e Multiculturalismo

Coordenação de Norberto Cunha  
Coordenação da colecção Artur Sá da Costa

Actas dos **Encontros de Outono**  
19 e 20 de Novembro de 2004

Vila Nova de Famalicão  
2006

- 7 INTERVENÇÃO DO PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FAMALICÃO, ARQ. ARMINDO COSTA, NA ABERTURA DOS «ENCONTROS DE OUTONO» DE 2004
- 13 INTERVENÇÃO DO CONSULTOR CIENTÍFICO DO MUSEU BERNARDINO MACHADO, PROF. DOUTOR NORBERTO CUNHA, NA ABERTURA DOS «ENCONTROS DE OUTONO» DE 2004
- 17 EUROPA COMO IDEOSOFEMA: PAZ, COSMOPOLITISMO, FEDERALISMO  
Prof. Doutor Acílio Estanqueiro Rocha
- 75 A “REPÚBLICA DAS LETRAS” E A IDEIA DA EUROPA  
Prof. Doutor Norberto Ferreira da Cunha
- 97 INTELECTUAIS E IDEIA DE EUROPA – SÉCULOS XIX/XX  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Manuela Tavares Ribeiro
- 125 PORTUGAL NO CAMINHO DA EUROPA: ATITUDES E POSICIONAMENTO PERANTE A OPÇÃO E MODELO INSTITUCIONAL EUROPEUS NO PÓS 25 DE ABRIL (1974-2004)  
Prof. Doutor António Martins da Silva
- 153 OS TRÓPICOS NA EUROPA  
Prof. Doutor Adriano Moreira
- 165 A QUESTÃO DO OUTRO NA EUROPA DA CULTURA  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Manuel Baptista
- 181 O PAPEL DO PATRIMÓNIO NUM CONTEXTO DE GLOBALIZAÇÃO  
Doutora Margarida Alçada
- 197 A QUESTÃO DO MULTICULTURALISMO NOS ESTADOS UNIDOS E NA EUROPA: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS  
Prof. Doutora Luísa Leal Faria

- 211 A AGRICULTURA EUROPEIA NO CAMINHO DA  
GLOBALIZAÇÃO  
Doutor Arlindo Cunha
- 235 O VINHO COMO BEM CULTURAL E OBJECTO DE  
NEGÓCIO. DOS FENICIOS AO MERCADO GLOBAL DO VINHO  
Doutor José A. Salvador
- 249 EVOLUÇÃO DOS TÊXTEIS NA EUROPA: INFLUÊNCIA DA  
GLOBALIZAÇÃO E DO MULTICULTURALISMO  
Prof. Doutor Mário Araújo
- 265 A RELEVÂNCIA DA POLÍTICA EUROPEIA DE AMBIENTE  
PARA OS PAÍSES DA UNIÃO EUROPEIA E PARA O MUNDO  
Eng. Francisco Ferreira
- 285 A EUROPEIZAÇÃO DAS QUESTÕES DO TRABALHO  
Prof. Doutor Jorge Leite
- 301 A GLOBALIZAÇÃO E O TRATADO CONSTITUCIONAL  
EUROPEU  
Prof. Doutor João Ferreira do Amaral
- 309 SOBRE O TRATADO QUE “INSTITUI UMA CONSTITUIÇÃO  
PARA A EUROPA”  
Prof. Doutor Jorge Miranda
- 327 ANEXOS

## INTELECTUAIS E IDEIA DE EUROPA – SÉCULOS XIX/XX

---

*Prof.<sup>a</sup> Doutora Manuela Tavares Ribeiro\**

As noções de progresso, de ciência, de cultura, de paz interligam-se com a própria noção de Europa. E se no século XVIII, envolvido que esteve em múltiplos conflitos europeus, se fundamenta uma “consciência europeia”, esta noção perdura e revivifica-se durante Oitocentos. A Europa dos reis e dos príncipes, assente no princípio da legitimidade dinástica propalado no Congresso de Viena de 1814-1815, confronta-se com a Europa dos Povos alicerçada nos conceitos de igualdade, de fraternidade, de justiça social, de república, de democracia, de paz universal.

Lembre-se que Saint-Simon propõe a formação de um parlamento europeu em 1814-1816. Também Guizot escreveu em 1828 a *Histoire générale de la civilisation en Europe* e Michelet afirma na sua obra *Introduction à l'histoire universelle* que o que há de mais humana e livre no mundo é a Europa.

Em Portugal os exilados liberais, nas primeiras décadas do século XIX, testemunham em cartas, em memórias, em relatos de viagem, na poesia, no romance, a sua vivência na “Europa civilizada”. Era necessário, a seu ver, que Portugal acertasse o passo no sentido do progresso – político, social, cultural. Recorde-se, entre outros exemplos, que Solano Constâncio fala de equilíbrio europeu, idealiza-se um Congresso de potências europeias no projecto de José Máximo Pinto da Fonseca Rangel e Almeida Garrett, na sua obra *Portugal na Balança da Europa*, de 1830, analisa a situação político-cultural portuguesa no contexto ibérico e europeu.

---

\* Professora da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Vice-Coordenadora do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20.

Para os românticos, a Europa é entendida na sua expressão política, mas também moral. Ente Moral, qual Grande Família, como sugere Faustino José da Madre de Deus. A Europa, o espaço geográfico, cultural, religioso, é também espaço social, moral, espiritual. Mas a Europa personifica-se, corporiza-se. Dito de outro modo, dá-se-lhe força anímica.

Os projectos de harmonia universal são concebidos nas primeiras décadas do século XIX na sua essência última do devir. Veja-se, por exemplo, que Saint-Simon apresenta o seu projecto de governo universal com base na autoridade dos industriais; Charles Fourier admite como princípio fundador a harmonia universal; Louis Blanc entende como agente tutelar os ateliers sociais e Proudhon arquitecta o seu projecto segundo a federação voluntária de entidades. Sublinhe-se, ainda, a visão do Poeta Victor Hugo. No pensamento hugoliano a Europa não tem apenas um sentido político. Ela resulta da simbiose da sua experiência, da sua cultura, dos seus projectos futuros. Assim, na sua obra *Le Rhin*, publicada em 1842, há já uma ideia de Europa definida no tempo e no espaço – uma Europa geográfica, uma Europa do gótico. Ou seja, Hugo visualiza a unidade e as diferenças – a unidade matricial e a diversidade das nações, das regiões, das paisagens, das culturas, numa Europa que o rio Reno une e separa. O Reno, como o autor refere, é o rio por onde circulam pessoas, bens, ideias, lugar de passagem de homens, riquezas e exércitos. O Reno do viajante, fronteira natural, mas também ele caminho estratégico da Europa. O Reno – escreve Hugo – é um “noble fleuve, féodal, républicain, impérial, digne à la fois d’être français et allemand...cette vague superbe qui fait bondir la France, dans ce murmure profond qui fait rêver l’Allemagne”<sup>1</sup>.

A Europa sonhada por Victor Hugo em 1848 é a Europa dos Povos, o mesmo é dizer, os Estados Unidos da Europa. Com o herói

---

<sup>1</sup> Victor Hugo, *Le Rhin*, lettres à un ami, lettre XIV, in OC, Paris, Laffont, p. 109, in Actas do Colóquio “Victor Hugo”, Aveiro, 2000 (no prelo). Cf. Maria Manuela Tavares Ribeiro, «Victor Hugo, O Profeta dos Estados Unidos da Europa », in Portugal e o Outro: imagens e viagens, Aveiro Universidade de Aveiro, 2004, pp. 13-24. Cf Maurice Agulhon «Victor Hugo et l’Europe: les États-Unis d’Europe», in Penseur les frontieres de l’Europe du XIX<sup>e</sup> au XX<sup>e</sup> siècle, sous la dir. de Gilles Pécout, Paris, PUF, 2004, pp. 41-51.



do movimento revolucionário italiano Giuseppe Mazzini (1805-1872), fundador, em 1832, do movimento de inspiração democrática *Giovine Europa* e, em Fevereiro de 1849, de uma efémera República romana – Hugo organizou o primeiro Congresso de Paz, em Paris, em Agosto de 1849.

Num contexto de crise económica e de agudas tensões sociais os ventos revolucionários nacionalistas e republicanos varreram a Europa. Ao “espírito de ‘48” subjaz o ideal de fraternidade, ideal fundador da Harmonia Universal. Não admira, pois, que Victor Hugo propalasse a unidade europeia, a fraternidade europeia, a união dos Povos irmãos – enfim, os Estados Unidos da Europa:

«Un jour viendra où vous la France, vous Russie, vous Italie, vous Angleterre, vous Allemagne, vous toutes, nations du continent, sans perdre vos qualités distinctes et votre glorieuse individualité vous vous fondrez étroitement dans une unité supérieure et vous constituerez la fraternité européenne... Un jour viendra où les boulets et les bombes seront remplacés par les votes, par le suffrage universel... Vous Êtes frères... »<sup>2</sup>

A esta exortação, a esse devir – o dos Estados Unidos da Europa e da Fraternidade Universal –, profetizado nas palavras de Hugo, responderam os aplausos entusiásticos do público, Não surpreende. Entusiasmo vivido também pelos demoliberais, socialistas e republicanos utópicos portugueses nos meados do século XIX. António Pedro Lopes de Mendonça, José Maria do Casal Ribeiro, José Félix Henriques Nogueira comungam desse ideal federativo, a que não é alheia a influência de Proudhon, comungam também eles dessa utopia dos Estados Unidos da Europa.

Foi na conjuntura da idealização romântica da revolução, do federalismo dos Estados Unidos da Europa, que democratas portugueses e espanhóis, arautos da República Social, se reuniram em Paris, proclamando em Fevereiro de 48 a Santa Aliança dos Povos.

---

<sup>2</sup> Victor Hugo, «Politique. Discours d’ouverture du Congrès de la Paix à Paris, le 21 août 1849», in *OC.*, *cit.*, p. 301.

A vivência revolucionária de uns, as viagens, as leituras e as preocupações sociais tributárias da ideologia filantropista de outros estimularam esse espírito europeu eivado, todavia, de um sentir universalista. E é na Federação dos povos, compatível com o sentimento patriótico, à boa maneira dos românticos, que melhor se espelha a conciliação possível das tendências ecuménicas da razão histórica com as exigências decorrentes das especificidades nacionais.

Se a conjuntura de 1848 e os ecos do romantismo social, como a voz de Victor Hugo e de outros utópicos se fizeram ouvir, o impacto dos movimentos socialista e republicano, da Comuna de Paris (1871) e a doutrina de outros pensadores (Proudhon, Marx, Auguste Comte, por exemplo) estiveram na base da linha de pensamento dos intelectuais portugueses da segunda metade do século XIX<sup>3</sup>.

Também as polémicas político-culturais – a Questão Coimbrã (1865), as Conferências Democráticas do Casino Lisbonense (1871) denunciam a vontade e urgente imperativo de cultivar o “espírito moderno” que a Europa incarnava. “Da Europa vem a aurora, vem a redenção, vêm as coisas novas...”, afirma Eça de Queirós no *In Memoriam*. E Antero de Quental na Conferência que profere em 1871 sobre *As Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* acentua que é preciso “ligar Portugal com o movimento moderno”, procurando, acrescenta, “adquirir a consciência dos factos que nos rodeiam na Europa”, nesse “grande corpo simbólico”, segundo a expressão queirosiana.

Assim, na linha de pensamento de Charles Lemmonier, director do jornal *Os Estados Unidos da Europa* (1871), Sebastião de Magalhães Lima (1850-1928), republicano, socialista, federalista, talvez o mais fervoroso e persistente apóstolo da ideia federal em Portugal nos fins de Oitocentos, acredita numa Europa federada. Como escreve nas suas obras *O Livro e a Paz* (1895), *Paz e arbitragem* (1897), *O*

---

<sup>3</sup> Leia-se Maria Manuela Tavares Ribeiro, *Portugal e a Revolução de 1848*, Coimbra, Minerva, 1990.

<sup>4</sup> Veja-se Maria Rita Lino Garnel, *A República de Sebastião de Magalhães Lima*, Lisboa, Livros Horizonte, 2004, *passim*.

*Federalismo* (1898), a *Paz e a Guerra* (1900), é possível construir a Europa, pela justiça, pelo desarmamento, pela federação dos povos.<sup>4</sup>

E se é verdade que a crença nos Estados Unidos da Europa parece utópica no contexto naturalista, também é certo que essa ideia se inscreve na conceptualização queirosiana da evolução da Humanidade, ideia-mestra do discurso dos intelectuais dos anos setenta-oitenta do século XIX. Evoca-se de novo Victor Hugo, o Mestre “excelso e augusto”, nas palavras de Eça, na apoteose solene da sua morte em 1885 para consagrar também a comunidade e a solidariedade dos povos da Europa. Para Teixeira Bastos, o “herói”, o “grande homem”, Victor Hugo, é também ele o “pai” dessa aliança federativa, dos povos, da Europa, enfim, da Humanidade.<sup>5</sup>

### A Europa em crise e a idealização do futuro

É importante sublinhar que os grandes conflitos europeus exerceram um papel maior e fundamental na determinação de novas atitudes da *intelligentsia* europeia. Assim, a I Guerra Mundial fez estimulou reflexões e diferentes práticas das elites intelectuais. É que ela suscitou e incentivou o debate sobre os valores europeus e colocou o problema do equilíbrio do próprio continente: dos meios de garantir a paz, do papel e do lugar das nações num intercâmbio necessário e numa imprescindível colaboração.<sup>6</sup> Gaston Riou, na sua obra *S'unir ou mourir*, de 1929, evoca a União europeia como uma «impérieuse nécessité»<sup>7</sup>. O conflito mundial incita alguns intelectuais,

<sup>5</sup> Leiam-se Teixeira Bastos, “Victor Hugo”, *Revista de Estudos Livres*, 1885, pp. 105-113 e “Uma carta de Eça de Queiroz sobre Victor Hugo ao director da *Ilustração*”, in A. A. Gonçalves Rodrigues, *Victor Hugo em Portugal*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1985, p. 9-17. Cf. Maria Manuela Tavares Ribeiro, *art. cit.*.

<sup>6</sup> Elizabeth du Réau, “Le modèle européen occidental. Genèse, transitions, mutations au XX<sup>ème</sup> siècle”, in *Dynamiques et Transitions en Europe. Approche pluridisciplinaire*, sous la direction de Claude Tapia, Berna, Peter Lang, 1997, pp. 15-23. Veja-se Maria Manuela Tavares Ribeiro, *A Ideia de Europa. Uma perspectiva histórica*. Coimbra, Editora Quarteto, 2003.

<sup>7</sup> Gaston Riou, *S'unir ou mourir*, Paris, Valois, 1929.

particularmente sensíveis à crise da civilização, ao declínio do Ocidente a questionar e a repensar de maneira penetrante a identidade europeia.

Direitos do homem, laicidade, antimilitarismo, pacifismo são alguns dos princípios e conceitos sobre os quais se centram os intelectuais nas primeiras décadas de XX. São sobretudo intelectuais de esquerda que, através das lojas maçónicas e de livre pensamento, como através das Ligas Nacionais dos Direitos do Homem, se entrecruzam e dialogam. Lembre-se, a título de exemplo, os protestos contra a execução de Francisco Ferrer, em Espanha, em 1909, que mobilizaram os intelectuais e os universitários do mundo inteiro.<sup>8</sup>

Atente-se que, nos primórdios do séc. XX, a política de vários governos europeus cria organismos e, através deles, as elites importam e divulgam novas tecnologias no território nacional ou desenvolvem no estrangeiro, (sobretudo na Europa), instituições responsáveis pela promoção e difusão da cultura nacional e da modernidade técnica, ideológica e política. Nesta multiplicação de iniciativas, particularizam-se alguns países europeus que visam difundir uma cultura (no sentido amplo do termo) por intermédio de centros culturais, de criação de cursos, de missões, etc. Porém, nos países menos favorecidos, como Portugal, essa abertura a tais influências e a participação nessas práticas eram, nos inícios de Novecentos, muito ambíguas. É certo que a Europa era vista e concebida como um modelo, mas também como uma ameaça à identidade nacional. Estas ideias, mediatizadas por outros argumentos, foram objecto de um insistente debate, concretamente nas primeiras décadas do século passado, por exemplo, em Espanha. Uma questão sistematizada sobretudo pelas elites nacionais. Recorde-se que se, para a maioria delas, a homologação europeia da Espanha, através da assimilação dos progressos científicos dos principais países do continente, foi um impulso de regeneração nacional e um fermento de europeísmo, para outras, menos numerosas,

---

<sup>8</sup> Francisco Ferrer (1859-1909), pedagogo, foi fuzilado durante os tumultos da “Semana Trágica”, perante protestos dos liberais, dos socialistas, de professores universitários.

é certo, ela impõe, em simultâneo, uma defesa e uma ofensiva contra um certo materialismo “vazio de alma”. Esta tese pode sintetizar-se nas duas fórmulas antagónicas – a de Ortega y Gasset: “europeizar a Espanha” e a de Miguel Unamuno: “espanholizar a Europa”.<sup>9</sup>

Como se sabe, nos anos oitenta do século XIX, os nacionalismos evoluíram, em alguns Estados europeus, no sentido de um poder dominador (colonial e europeu), ou na base de um movimento de emancipação. Quer isto dizer que a política pangermanista (colonial e continental), na qual a questão da *Mitteleuropa* constituiu um dado importante, e as preocupações paneslavistas (como o acesso aos mares ocidentais e espaço balcânico), justificadas a nível económico e geoestratégico, colocaram a Europa numa situação de confrontos e de conflitos, de “lógica de guerra” – que conduziria ao conflito de 1914-1918.

Neste clima esvaíu-se ou não a ideia de Estados Unidos da Europa proclamada por Victor Hugo em 1849, no Congresso da Paz, em Paris, e alimentada por muitos intelectuais estrangeiros e portugueses do século XIX? Ao invés, o clima de tensão e de conflito estimulou-os na reflexão sobre a paz na Europa. Mas que Europa?

De facto, já no Congresso Internacional da Paz, em Roma (1891), e nas Conferências realizadas em Haia, em 1899 e 1907, se aduziram razões e se estabeleceram estratégias, relançando-se a ideia da reorganização de uma estrutura unitária europeia num panorama de ambição universalista. Posições fortes a favor do desarmamento, da criação de instâncias de arbitragem internacional, protagonizadas em encontros europeus e internacionais, foram deveras marcantes.

Na verdade, no debate gerado durante o Congresso de Ciências Políticas, em Paris, organizado em 1890, concluiu-se, através das vozes de Gaston Isambert e Anatole Leroy-Beaulieu (1842-1912), que só através da união europeia se atingiria a paz. Nesta linha, pode referir-

---

<sup>9</sup> Leia-se Maria Manuela Tavares Ribeiro, “Os intelectuais e a ideia de Europa”, in *Portugal e a Construção Europeia*, coord. de Coimbra, Almedina, 2002, pp. 31-39 e “A Europa dos Intelectuais nos alvares do século XX”, *Estudos do Século XX*, CEIS20, 2, Coimbra, Quarteto, 2002, pp. 109-133 *Identité et conscience européennes au XX<sup>ème</sup> siècle*, Paris, Hachette, 1994, p. 143 e Elisabeth du Réau, *L’idée d’Europe au XX<sup>ème</sup> siècle. Des mythes aux réalités*, Paris, Éditions Complexe, 1996, *passim*.

-se, entre outros exemplos, o fermento pacifista da política papal de Leão XIII e, em particular, do Papa Bento XV (1914-1922).

É sintomático, por exemplo, que o prémio Nobel da Paz tenha sido instituído em 1895 e que os Jogos Olímpicos tivessem sido recriados em 1896, o Esperanto tenha sido anunciado em 1897.

Em Junho de 1900, muitos intelectuais reúnem-se na *École Libre des Sciences Politiques* e celebram o Congresso das Ciências Políticas, cujo tema de discussão, apresentado por Anatole Leroy-Beaulieu, incidiu sobre *Os Estados Unidos da Europa*.

Entre os seus intérpretes salientam-se os intelectuais portugueses, Antero de Quental, Eça de Queirós, Teixeira de Pascoais, Oliveira Martins, e, já no dealbar do século XX, Fernando Pessoa, Almada Negreiros e outros modernistas. Pensadores cujas reflexões se centraram também sobre a Europa.

O forte cepticismo e o sentimento de decadência – de crise – vividos nas últimas décadas do século XIX, e projectados nos discursos dos intelectuais –, na literatura, na filosofia, na história, nas artes –, puseram também em evidência os perigos que ameaçavam a Europa. Relembre-se, a propósito, a crise global, o trauma psicológico e mesmo a crise de identidade nacional que se agudizou nas décadas finisseculares em Portugal (questão económico-financeira, social, cultural e colonial). Mas o tema da decadência, da crise da Europa e do declínio do Ocidente é coexistente com as primeiras manifestações realistas da construção europeia. Os projectos que irão surgir após a Segunda Guerra Mundial têm já as suas raízes nas duas primeiras décadas do século XX. Assim sendo, deve valorizar-se a efervescência intelectual e o papel activo dos mentores desses movimentos neste período temporal.

É bom lembrar que o tema da crise, do declínio, mas também da regeneração da Europa, fora já perspectivado pelos pensadores alemães do século XIX, ideia que emana das concepções organicistas dos românticos e dos pensadores da época bismarkiana marcadas pelas teorias de Schelling e Franz von Baader. Entre esses projectos do fim de Oitocentos saliente-se, a título de exemplo, o de Jacob Burckhardt (1818-1897). A ideia de Europa fundamenta-se, na sua óptica,

no justo equilíbrio do espírito, da liberdade, da diversidade. Segundo Burckhardt, os valores humanistas são a quintessência da cultura europeia: diversidade, liberdade, espiritualidade. Mas estes valores, princípios constitutivos da identidade dos povos são, por sua vez, vulneráveis. E aquele pensador denuncia as ideias modernas: o nacionalismo, a democratização. Também Friedrich Nietzsche (1844-1900), mais iconoclasta que o seu mestre e colega, constrói a ideia de Europa sobre outros valores – a herança do helenismo, por um lado, o repúdio do cristianismo, gerador de decadência, de corrupção, por outro lado. Este filósofo descreve esse processo de decomposição do homem e da civilização, que denomina niilismo, e de que o wagnerismo é, a seu ver, a expressão mais nociva. Nietzsche anunciava, todavia, a “super-humanidade”. Assim, o pensador evoca o século futuro – o século XX – como o século trágico. E se escarpeliza a ideia de crise e de declínio, sublinha, porém, a regeneração possível – ou seja, a união dos europeus, a futura renovação da Europa através da prática de uma ética do humanismo dos “espíritos livres”.<sup>10</sup>

Depois de Nietzsche, e antes dos grandes conflitos do século XX, outros intelectuais alemães reflectiram sobre esse estado de degenerescência e denunciaram claramente uma atitude pessimista. Entre eles: Thomas Mann (1875-1955), na sua obra *Buddenbrooks* (1901); Rudolf Pannwitz (1881-1969) evoca o “homem pós-moderno” em *Die Krisis der europäischen Kultur* (1917) e H. Hesse (1877-1962) fala do homem europeu moribundo, do homem com vontade de morrer no *Blick ins chaos* (1919).

Relembre-se também o austríaco Hugo von Hofmannsthal (1874-1929), que medita sobre a crise da civilização. Na sua óptica, a noção de Europa ensombrara-se no materialismo utilitarista. Como afirma, o homem da técnica é um “aprendiz feiticeiro”.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> “Der Antechrist”, in *Oeuvres de Nietzsche*, Munchen, Karl Schlechta II, 1954-1956, p. 1230. Veja-se Christophe Prochasson et Anne Rasmussen, *Au nom de la patrie. Les intellectuels et la Première Guerre Mondiale (1910-1919)*, Paris, Éditions La Découverte, 1996 e Caroline Brossat, *La culture européenne: définitions et enjeux*, Bruxelles, Bruylant, 1999, pp. 23-24.

<sup>11</sup> Sobre estes e outros autores alemães leia-se a obra de Jean Nurdin, *L’idée d’Europe dans la pensée allemande à l’époque bismarckienne*, Berne, Peter Lang, 1980 e “Les intellectuels allemands et l’identité culturelle de l’Europe”, in *L’identité culturelle, laboratoire de la conscience européenne. Actes du colloque international organisé à*

As teorias destes intelectuais viriam a ser retomadas, embora de uma forma mais controversa, por Oswald Spengler (1880-1936), filósofo alemão que escreve, em 1918, a conhecida obra *Der Untergang des Abendlandes*, explanando nela a concepção cíclica da evolução das civilizações.

Durante a Primeira Guerra Mundial outros grandes intelectuais de língua alemã se preocuparam em analisar a ideia, a identidade e a consciência europeias. É o caso de Heinrich Mann (1871-1950), figura destacada da esquerda intelectual durante a república de Weimar, que no seu artigo de 1916, *Der Europäer*, interpreta o “génio da Europa” como o somatório dos princípios da razão, da liberdade, do direito, mas também do espírito prático e do amor ao trabalho.

Outros, como Max Scheler (1874-1928), deploram, de igual modo, a decadência das forças morais, culturais e religiosas da Europa.

Espírito cosmopolita, Hermann von Keyserling (1880-1946), um intelectual, um aristocrata e um apátrida, escreve o seu ensaio *Der Spektrum Europas (Análise espectral da Europa – 1920)*. Esta mesma obra é coincidente, em termos temporais, com a criação da Sociedade das Nações.

Por sua vez, Ernst Robert Curtius (1886-1956) exalta a tradição humanista ocidental e descreve a Europa como “comunidade espiritual de vida”.

Em suma, a reflexão destes intelectuais alemães, entre outros que poderíamos citar, exalta, por um lado, o humanismo fundado nos valores da cultura e o papel do homem ocidental no mundo e na história e, por outro lado, releva a identidade europeia por oposição a outras civilizações.

---

*l'Université de Franche-Comté les 3, 4 et 5 novembre 1994*, réunis et édités par Marita Gilli, Paris, Diffusion Les Belles Lettres, 1995, pp. 261-266. Sobre o papel dos intelectuais na I Guerra Mundial pode ver-se, entre outros, Jean-Jacques Becker, *L'Europe dans la Grande Guerre*, Paris, Éditions Belin, 1996, pp. 135-140. Leia-se, também, António Sousa Ribeiro, “Mitos e realidades : a *Mitteleuropa* e os seus avatares”, in *Europa em Mutação. Cidadania. Identidades. Diversidade Cultural*, Actas do Curso Intensivo, 20 de Fevereiro a 2 de Março de 2003, coor. Maria Manuela Tavares Ribeiro, Coimbra, Quarteto, 2003, pp. 45-61.



O apogeu da crise situa-se, como bem se sabe, na época nazi. É já nos anos 30 que Thomas Mann proclama o seu *Achtung Europa*, em que evoca a ruína do idealismo, a degenerescência da arte e da moral, e a barbárie do homem moderno. É nesta perspectiva que o autor conclui que se o humanismo não conseguir recobrar as suas forças também a Europa não reencontrará “o seu próprio génio”, o mesmo é dizer, a sua autêntica identidade.

De facto, a ideia de crise associa-se à de decadência que remonta, como bem se sabe, aos fins do século XVIII, que se aprofunda e generaliza nas décadas finiseculares de Oitocentos e se acelera com os grandes conflitos mundiais e o choque dos nacionalismos.

Mas se a crise é uma particularidade europeia, o mesmo é dizer, a sua essência, não será ela também o seu motor? É que a própria consciência da crise, que é positiva, permite à Europa transformar a sua decadência numa dinâmica da sua própria regeneração.

Não admira, desta forma, que no período entre as duas Grandes Guerras tenham surgido tantas reflexões e profundos debates sobre o sentimento de crise e sobre o declínio da Europa e do Ocidente.<sup>12</sup>

### A Paz... entre as duas guerras

Sobre a fragilidade da civilização europeia, outros *clercs* reflectiram, como Paul Valéry (1871-1954) o fez circunstanciadamente na Conferência da Paz, realizada em 1919, na sua intervenção intitulada *La Crise de l'Esprit*.

---

<sup>12</sup> Apontemos alguns exemplos já referidos e outros não citados no nosso texto: G. Ferro, *La vecchia Europa e la nuova* (1918); Oswald Spengler, *Der Untergang des Abendlandes* (1918); Henri Massis, *Défense de l'Occident* (1927); René Genon, *La crise du monde moderne* (1928); Drieu La Rochelle, *Le jeune Européen* (1928); Lucien Romier, *L'homme nouveau* (1929); L. Ziegler, *Der Europäische Geist* (1929); Sigmund Freud, *Das Unbehagen in der Kultur* (1929); Edouard Herriot, *Europe* (1930); Paul Valéry, *Variété I* (1930); Karl Jaspers, *Die geistige Situation der Zeit* (1931); Jules Romains, *Pour que l'Europe soit* (1931); Hilaire Beloc, *The crisis of our civilisation* (1937); Cf. Jean-Baptiste Duroselle (dir.), *L'idée d'Europe dans l'histoire*, Paris, Denöel, 1965, p. 284.

É a chamada “geração de fogo” que tenta ultrapassar, com os seus princípios e sistemas, a crise da Europa, o declínio do Ocidente. Consequentemente, a vontade de unir a Europa é também fruto da tomada de consciência de uma visível fragilidade em relação ao mundo exterior.

Saliente-se, por exemplo, que o escritor Romain Rolland (1866-1944) fazia já um diagnóstico da tessitura europeia no seu artigo *Au-dessus de la mêlée* (1914), publicado no *Journal de Genève* e em *La route qui monte en lancets* dado a lume na revista *Europe*, que fundou em 1923. Anunciava que um dia, que já não tardava, a união das nações do Ocidente seria o embrião gerador de uma nova Pátria. E pela sua argumentação depreende-se que ela não era senão uma etapa no caminho que conduziria a uma Pátria mais ampla – a Europa.

Muito concretamente, Jules Romains (1885-1972), que empregava já o termo europeísmo, em 1915, apelava à criação de um grande partido europeu. O seu programa de acção encerrava um projecto unificador através da união aduaneira, de um banco europeu, de um sistema monetário comum. Recorde-se que este escritor militou, com outros pioneiros europeus, no movimento em prol da paz. Não deve, pois, surpreender que tenha manifestado o seu incondicional apoio a Coudenhove-Kalergi e a Aristide Briand (1862-1932).

Pode dizer-se que é notória a influência destes autores no mundo estudantil português nos anos 30, tributário da lição destes intelectuais franceses. Basta, para tanto, ler o número especial da revista *Vértice* de Dezembro de 1946.<sup>13</sup>

Muito envolvido no combate pela Europa, Julien Benda (1876-1956) pronuncia o seu famoso *Discours à la nation européenne* (1933) e, na sua célebre obra *La Trahison des clercs* (1927), denunciara já a responsabilidade dos intelectuais no processo da construção da Europa. Mas, como claramente afirmava, é necessário não esquecer os “valores morais e estéticos”. No seu pensamento «les hommes dont la fonction est de défendre les valeurs éternelles et désintéressées, comme la justice et la raison, et que j'appelle les clercs, ont trahi cette

---

<sup>13</sup> *Vértice*, Dezembro, 1946.

fonction au profit d'intérêts pratiques».<sup>14</sup> De facto, este autor revela-se profundamente céptico em relação ao liberalismo ocidental que, na sua visão crítica, se fundamentava numa concepção errada de humanismo. Esta tese explica o seu criticismo, o seu pessimismo caldeado, todavia, pela legitimação da verdadeira tarefa do intelectual – espiritualizar a Europa.

Por sua vez, José Ortega y Gasset (1883-1955), em *La Rebelión de las masas* (1929), caracteriza todo o bom intelectual, alemão, inglês, francês ou de outras nacionalidades, como aquele que não se realiza na estreiteza dos limites nacionais. Ou seja, contra os nacionalismos, Ortega y Gasset propunha a construção de uma grande nação europeia. Fundador da *Revista Occidente*, estimulava os intelectuais, à semelhança de Julien Benda, a assumir uma missão última – a de “fazer a Europa”.

Refira-se ainda, entre outros exemplos, o de Carlo Sforza (1872-1952), político, embaixador de Itália em França, que foi, com o filósofo liberal Benedetto Croce, uma das grandes vozes antifascistas no exílio e os seus artigos sobre os *Estados Unidos da Europa* beberam inspiração nos escritos e na acção revolucionária do “herói” italiano Mazzini, fundador do *Giovine Europa* (1834).

Depois do que muito sinteticamente ficou exposto, perguntar-se-á: que contactos, que sociabilidade, que cumplicidade existiam entre os intelectuais que tomavam posição a favor da (s) ideia (s) de Europa?

### **Constelações europeístas – união e diversidade**

Trabalhos recentes<sup>15</sup> deixam bem claro que nas primeiras décadas do século XX há uma grande riqueza e diversidade nas

---

<sup>14</sup> Veja-se Julien Benda, *La Trahison des clercs*, Grasset, Paris, 1927, pp. 131-132. Leia-se também *Discours à la nation européenne* (1933). Cf. *L'Europe? L'Europe*. Textes réunis et présentés par Pascal Ory, Paris, Ommibus, 1998, pp. 301-362.

<sup>15</sup> Entre outros, veja-se Elisabeth du Réau, *L'idée d'Europe au XX<sup>ème</sup> siècle*, cit., Bruxelles, Éditions Complexe, 1995, pp. 73-75. Leia-se também Daniel Salvatore Schiffer, *Grandeur et misère de intellectuels. Histoire critique de l'intelligensia du XX<sup>e</sup> siècle*, Monaco, Éditions du Rocher, 1998, pp. 181-195; Philippe Buton, *Une histoire intellectuelle de la démocratie 1918-1989*, Paris, Éditions Seli Arslan, 2000, pp. 99-118.

constelações europeístas. A esta luz, pode falar-se, a título de exemplo, do *Instituto Internacional de Cooperação Cultural*, criado em Paris em 1926, presidido por Henri Bergson (1859-1941), da responsabilidade da Sociedade das Nações. Que objectivos tinha? Desenvolver a colaboração da *intelligentsia* europeia e contribuir para a aproximação dos povos, arquitectura esta, assim se entendia, imprescindível à paz. De novo, em 1933, muitos nomes das letras se reúnem num Congresso, em Paris, sob a presidência de Paul Valéry, e aí avultam participantes como Julien Benda, Hermann von Keyserling, Jules Romains, entre outros,<sup>16</sup> que reflectem sobre “L’avenir de l’esprit européen”.

Em 1919 forma-se um grupo em que se destaca o austríaco Stefan Zweig (1881-1942), Anatole France (1844-1924), Georges Duhamel (1884-1966). Saliente-se também que na *Nouvelle Revue Française* (NRF), de 1932, de incontestável propensão teórica, figuram André Gide (1869-1951) e Jacques Rivière (1886-1925). Outros intelectuais preferiram, todavia, um círculo mais político, como é o caso de *L’Europe Nouvelle*, semanário fundado pela escritora e jornalista Louise Weiss, em 1918, e que se manteria até 1940. Louise Weiss (1893-1983), uma das vozes de combate pelos direitos cívicos das mulheres, fez dessa revista uma autêntica “bíblia” dos diplomatas e políticos franceses. De cunho acentuadamente universalista, os seus artigos têm como núcleo essencial a cooperação cultural internacional, sobretudo europeia. Esta editorialista, conhecida como a “Virgem da Paz”, fundaria ainda a Nova Escola da Paz, em 1930. As *Mémoires d’une Européenne* (6 tomos – 1893-1975) são da autoria desta alsaciana, nascida em espaço fronteiriço, judia mas luterana, que foi eleita deputada ao primeiro Parlamento Europeu de Estrasburgo.<sup>17</sup>

---

<sup>16</sup> Veja-se Maria Manuela Tavares Ribeiro, *A Ideia de Europa. Uma perspectiva histórica*, Coleção Estudos Sobre a Europa, n.º 3, Coimbra, Quarteto, 2003.

<sup>17</sup> Yannick Muet, *Le débat européen dans l’entre-deux-guerres*, Paris, Economica, 1997, p. 40 e *L’identité culturelle, laboratoire de la conscience européenne. Actes du Colloque international organisé à l’Université Franche-Comté les 3,4 et 5 novembre 1994*, réunis et édités par Maritta Gilli, Paris, Diffusion Les Belles-Lettres, 1995, pp. 129-136. Elisabeth du Réau, *ob. cit.*, pp. 90-94 e *L’idée européenne dans l’entre-deux-guerres*, recueil de textes de Michel Dumoulin par Yves Stelandre, Academia, Louvain-la-Neuve, 1992, *passim*.

Situado num horizonte ideológico similar, Richard Coudenhove-Kalergi (1894-1972) publicava em Viena, em Outubro de 1923, um livro intitulado *Pan-Europa*. Já no ano anterior apelara à unidade europeia num documento sobre a Questão Europeia e criara a revista mensal *Paneuropa*, cuja simbólica – cruz vermelha e sol dourado – traduzia a união das civilizações grega e cristã, o ideal supranacional do movimento medieval cruzadista e a irradiação universal do espírito europeu.

Os contactos de Kalergi com Louise Weiss e com outras personalidades, através do Gabinete Central da União Paneuropeia, em Viena, fizeram eco do movimento paneuropeu, em particular nos meios de esquerda e com o apoio de lojas maçónicas. A organização económica da Europa, através de uma união aduaneira europeia, o modelo confederal e a salvaguarda da paz são, em síntese, a orientação basilar do seu movimento. Recorde-se também que Kalergi elaborou um projecto de constituição europeia – o *Manifesto Paneuropeu*, em 1924, e inaugurou, em Berlim, em 1926, o I Congresso da União paneuropeia. O segundo Congresso ocorre, pouco depois, em 1930. No primeiro, estiveram presentes europeístas como Aristide Briand, Miguel Unanuno, Paul Valéry, Carlo Sforza, Winston Churchill, Thomas Mann, Konrad Adenauer, Ortega y Gasset, Salvador de Madariaga<sup>18</sup>. Ora, é no dia 1 de Maio de 1930 que Aristide Briand (1862-1932) apresenta o célebre *Memorandum* da União Europeia, inspirado nas ideias confederalistas de Kalergi, mas também dos revolucionários italianos Mazzini e de Cavour. É verdade que as opções políticas de Aristide Briand variaram da esquerda para posições mais moderadas. Foi galardoado com o Prémio Nobel da Paz em 1926 e, no seu *Memorandum*, insistia numa Europa política assente em uma confederação europeia. O seu projecto, que subordinava claramente o económico ao político, suscitou reservas num momento em que a crise económica se agudizava. Briand morre em 1932 e o crescendo

---

<sup>18</sup> Salvador de Madariaga (1886-1978), professor, diplomata, escreveu em 1933 a obra *Un espíritu europeo* e foi activo militante do Movimento Europeu. No âmago das suas preocupações emerge a necessidade da criação de instituições culturais que, na sua óptica, dinamizariam o diálogo numa Europa plural, qual escola de tolerância. Leia-se Mercedes Somaniego Borreu, «L'Europe de Salvador Madariaga» in *Les Intellectuels l'Europe 1945 à nos jours*, dir. de Andrée Bachoud, Josefina Cuesta, Michel Trebitsch, Actes du Colloque international, Université de Salamanque 16, 17, 18 octobre, 1997, Paris, Publications universitaires Denis Diderot, 2000, pp. 43-55.

das tensões internacionais não propiciava a concretização efectiva da unidade europeia. Porém, a sua mundividência insuflou esperanças nos federalistas e alentou o fervor dos movimentos das Resistências.<sup>19</sup>

Não será excessivo concluir que de todas as organizações pró-europeias aparecidas depois da I Guerra Mundial, o Movimento pan-europeu de Coudenhove-Kalergi foi indiscutivelmente o mais espectacular, e certamente o mais activo, pois a Constituição paneuropeia, que propôs em 1923, prefigura, de alguma forma, os actuais Conselhos e Parlamento Europeus.

À luz do exposto, deve afirmar-se que as uniões intelectuais tinham, pois, um fim claramente determinado – vencer a crise da Europa pela organização e associação de elites.

Para além da problematização e do debate dos teóricos e dos escritores no fim do século XIX e na primeira década do século XX, pode dizer-se que é após o conflito de 1914-1918 que se vão traçar orientações concretas do movimento europeu. «Le XIX<sup>ème</sup> siècle a jeté les bases des diverses figures possibles d'intellectuels en Europe et de la gamme des oppositions entre traditions culturelles nationales», escreve Christophe Charle.<sup>20</sup>

Em síntese, podem enunciar-se três princípios de orientação do Movimento Europeu. Basta reportarmo-nos, por exemplo, ao europeísmo das Resistências. A saber: um de índole política e de âmbito bem abrangente, segundo o modelo de *Paneuropa* (1923), patente ainda nos discursos de intelectuais e de políticos sobre os *Estados Unidos da Europa* e a solução federalista. Uma outra orientação, de carácter essencialmente económico, aponta para a formação de um mercado europeu e, nesta, é assinalável a influência de John Maynard Keynes, cujas doutrinas foram claramente explanadas na sua obra *Les*

---

<sup>19</sup> François Saint-Ouen, *Les grandes figures de la construction européenne*, Genève, Georg Éditeur, 1997 e Henri Michel, B. Mirkine-Guetzéritch, *Les courants de pensée de la Résistance*, Paris, PUF, 1963.

<sup>20</sup> Christophe Charle, *Les intellectuelles en Europe au XIX<sup>ème</sup> siècle. Essai d'histoire comparée*, Paris, Éditions du Seuil, 1996, p. 308.

*conséquences économiques de la Paix* (1920). Uma terceira via prende-se, de forma particular, com as relações culturais intereuropeias.

### Os olhares dos intelectuais portugueses

Se os demoliberais, socialistas e republicanos definiram a ideia e sonharam utopicamente a formação dos Estados Unidos da Europa (António Pedro Lopes de Mendonça (1826-1865), José Félix Henriques Nogueira (1823-1858), Antero de Quental (1842-1891), Eça de Queirós (1855-1911), Oliveira Martins (1845-1894), Sebastião de Magalhães Lima (1850-1928), entre outros) foram os modernistas que melhor a caracterizaram.<sup>21</sup>

Assim, para Fernando Pessoa, o rosto da Europa é Portugal que fita o Ocidente, que olha com nostalgia o mar, “o imaginário complementar da unidade ontológica portuguesa”. Como a define no poema *O dos Castelos*, no início da sua obra *Mensagem*:

«A Europa jaz, posta no cotovelo:  
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,  
E toldam-lhe românticos cabelos  
Olhos Gregos lembrando.

O cotovelo esquerdo é recuado;  
O direito é um ângulo disposto.  
Aquele diz Itália onde é pousado;  
Este diz Inglaterra, onde afastado,  
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.

---

<sup>21</sup> Veja-se Martim de Albuquerque, “Primeiro ensaio sobre a história da ‘Ideia de Europa’ no pensamento português”, in *Estudos de Cultura Portuguesa*, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1983, pp. 249-350 e “Portugal e a Consciência da Europa”, *Oceanos*, nº 16, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, Dezembro, 1993, pp. 13-23. Leia-se ainda Luís Reis Torgal e Maria Manuela Tavares Ribeiro, “Portugal e a Integração Europeia”, in *Europa Unita e Didatica Integrata. Storiografie e Bibliographie a Confronto*, a cura di Ariane Landuyt, Siena, Protagon Editori Toscani, 1995, p. 132. Leia-se Maria Manuela Tavares Ribeiro, “A Europa dos Intelectuais nos alvares do século XX”, *cit.*

Fita, com olhar esfíngico e fatal,  
O Ocidente, futuro do passado

O rosto com que fita é Portugal»<sup>22</sup>

Sobre a questão da Europa, a Fernando Pessoa não falta o vigor da ideia e a força da palavra, mas também não lhe é estranho o humor. É que a Europa, vê-a o poeta, de certo modo, na dimensão do seu desejo: ambiciosa, sedenta de criação, capaz de reinventar novos mitos, dado que a lenda pode tornar eterna a realidade.<sup>23</sup> Leia-se, por exemplo, este excerto do *Ultimatum* (1917):

«A Europa tem sede de que se crie, tem fome de Futuro! A Europa quer grandes Poetas, quer grandes Estadistas, quer grandes Generais. Quer o Político que construa conscientemente os destinos inconscientes do seu Povo... – A Europa quer Donos! O Mundo quer a Europa... A Europa quer passar de designação geográfica a pessoa civilizada... Eu, ao menos, sou bastante para indicar o Caminho! Vou indicar o Caminho.»

Também Almada Negreiros (1893-1970) manifestou, nos seus dois ensaios publicados nos *Cadernos Sudoeste* (Junho de 1935), que a Europa, como Prometeu, tem desejo de conhecimento. É, sem dúvida, uma concepção mais abstracta da Europa. Esta é sinónimo, na sua óptica, de “expressão espiritual”. São sugestivas as suas palavras: «O Enigma da Europa?! Sim, o enigma da Europa. A Europa tem sobretudo o sentido unanimista da vida... Isto é, a Europa funciona como uma verdadeira eternidade que o é, na renovação do seu todo espiritual... É o heroísmo de Prometeu em marcha, a levantar sucessiva e simultaneamente nas terras da Europa e do mundo os infinitos génios da humanidade universal... Esta característica unanimista da Europa

---

<sup>22</sup> Fernando Pessoa, “A dos Castelos”, in *Mensagem*, 10ª ed., Lisboa, Edições Ática, 1972, p. 21.

<sup>23</sup> Álvaro de Campos, “Ultimatum”, in *Portugal Futurista*, Lisboa, s. e., Novembro, 1917, pp. 30-34.



é orgânica, faz parte integrante do próprio corpo europeu, é o seu sangue que corre em suas próprias veias e artérias... Nós europeus somos da raça da Europa, da raça de Prometeu, da carne e osso de Prometeu, da raça igual a cada um de nós, da raça fundada à nossa imagem, para sofrer, chorar, viver e sentir a alegria».<sup>24</sup>

Ao antever uma união europeia bloqueada, anos mais tarde, Adolfo Casais Monteiro (1908-1972) interrogar-se-ia: «Europa, sonho futuro!... a paz do 'lar comum', virá um dia?» É o próprio autor que responde: «Europa, tu virás só quando entre as nações / o ódio não tiver a última palavra / ao ódio não guiar a mão avara / à mão não der alento o cavo som de enterro / dos cafres digerindo o sangue do rebanho / – e do rebanho morto, enfim à luz do dia, / o homem que sonhante, Europa, seja vida /.»<sup>25</sup>

Dir-se-á que na Europa, na década de 20, se procurou a reconciliação e, mais do que isso, indicaram-se os caminhos para consolidar a tão desejada paz. Nesta linha, também os articulistas portugueses da *Seara Nova* não só propalaram com insistência esse ideal como apelaram à união dos intelectuais. Lembre-se, entre outros, António Sérgio (1883-1969), Jaime Cortesão (1884-1960), Raúl Proença (1884-1941), Aurélio Câmara Reis (1885-1961), José Rodrigues Miguéis (1901-1980). Assim, quando, em Agosto de 1926, de novo se reflectiu sobre a temática dos Estados Unidos da Europa, o seareiro Rodrigues Miguéis contrapunha à panaceia da queda das fronteiras um internacionalismo assente no desaparecimento dos grandes blocos e na solidariedade dos povos.<sup>26</sup> Autores vários, como

---

<sup>24</sup> Almada Negreiros, *Sudoeste 1. Europa e Portugal*, Lisboa, Contexto Editora, 1935, p. 21 (edição facsimilada).

<sup>25</sup> Adolfo Casais Monteiro, *Europa*, s. l., Editorial Confluência, [1946], pp. 13-15. Cf. Martim de Albuquerque, "Primeiro ensaio...", *cit.*, pp. 249-350. Veja-se também Jorge Borges de Macedo, *Portugal – Europa para além da circunstância*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1988 e José Augusto Seabra, *Portugal face à Europa. Um horizonte cultural*, Porto, Athenas, 1977, *passim*.

<sup>26</sup> R. M., "Estados Unidos da Europa", *Seara Nova*, nº 96, 22 de Julho de 1926, p. 467. Cfr. "Seara Nova, Antologia", in *Testemunhos Contemporâneos*, Lisboa, Edições Alfa, 1990, p. 52.

Emílio Costa, apontavam as virtudes da unidade económica, os benefícios da abolição de barreiras alfandegárias e, sobretudo, valorizavam o espírito europeu. Este era a garantia de uma aspiração de grande melhoria de vida dos Povos da Europa e, primordialmente, uma caução para se atingir e consumir um bem maior – a paz.<sup>27</sup>

O caso de António Sérgio, como bem analisou Campos Matos, é duplamente sintomático, dada a sua formação de raiz europeia e a profunda influência que exerceu sobre a elite intelectual portuguesa. Preocupado com a pedagogia e a política, o autor dos *Ensaio*s [1971] é um homem de mentalidade europeia mas, mais do que isso, é um “cidadão do mundo”. Nesta linha, a interrogação faz sentido: como poderia esperar-se deste autor «a adesão a uma Europa que tão longe estava ainda de ser continente de cidadãos do mundo?»<sup>28</sup>

Por sua vez, Jaime Cortesão, ao reconhecer a nova e importante acção mediadora da Sociedade das Nações, exprime o seu pessimismo em relação à concepção idealista dos Estados Unidos da Europa. Comunga, sim, de um espírito universalista ou, como refere, de um «anseio de pura e livre humanidade»; e – acrescenta: – «curvamo-nos, com fervor, perante esse espírito de amor, de justiça e sacrifícios activos».<sup>29</sup>

Acérrimo crítico do fascismo, apóstolo do predomínio do Espírito sobre a Matéria, Raúl Proença desenvolve uma intensa campanha democrática na *Seara Nova* e confessa expressamente: «Urge que movimentos anti-fascistas, formidáveis, se organizem em toda a Europa. É preciso começar por atacar decisivamente essa influência. Se

---

<sup>27</sup> Emílio Costa, “Estados Unidos da Europa e Patriotismo de Pé Atrás”, *Seara Nova*, nº 200, p. 13.

<sup>28</sup> Sérgio Campos Matos, “António Sérgio europeísta”, in *A Construção da Europa. Problemas e Perspectivas*, coord. de Sérgio Campos Matos, Lisboa, Edições Colibri, 1999, p. 147.

<sup>29</sup> Jaime Cortesão, “Sociedade das Nações – A Conferência de Locarno e as Colónias Portuguesas”, *Seara Nova*, Lisboa, nº 63, 5 de Dezembro de 1925, p. 46, nº 66, 26 de Dezembro de 1925, p. 68.

deixássemos desenvolver os fascismos nacionais... Seria talvez a ruína, por muitos séculos, de toda a civilização». <sup>30</sup>

Tal como Raúl Proença e Jaime Cortesão, estes homens da revista *Seara Nova* não nos deixaram estudos sistemáticos sobre a ideia de Europa, escreveram alguns artigos, expressaram algumas e esparsas ideias mas assumiram-se, no entanto, porta-vozes de conceitos, de princípios, de teses sobre uma questão tão candente nos anos 20. É certo que eles se preocuparam com o sentido ecuménico e universalista dos povos, mas no seu ideário não estão ainda perfeitamente delineados modelos para o processo da construção europeia. De qualquer modo, em particular Cortesão e Sérgio transmitiram, sem dúvida, uma interpretação da história nacional marcadamente europeísta, a que está subjacente um certo modelo europeu de evolução social e económica, à luz do qual perspectivaram a problemática nacional portuguesa.

### **A voz das mulheres**

De igual modo, no mesmo período cronológico, na conjuntura portuguesa, mulheres houve para quem ganhava sentido e particular interesse toda a problemática da sua época. Assim, na alocução proferida na Semana da Junta Patriótica do Norte, em 25 de Junho de 1931, Ana de Castro Osório (1872-1935) sublinha a obra da Cruzada das Mulheres Portuguesas (assistência, apoio aos soldados, aos órfãos) acentua que a guerra era o «empurrão necessário no levantamento das energias latentes para o renascimento desta grande

---

<sup>30</sup> Raúl Proença, "O Fascismo e as suas repercussões em Portugal", *Seara Nova*, Lisboa, nº77, 6 de Março de 1926, p. 89; Veja-se Eduardo Prado Coelho, "A Crise da Europa e a Democracia", in *Seara Nova. Razão. Democracia. Europa. Textos e Contextos*, Porto, Campo das Letras, 2001, pp. 308-323; Ernesto Castro Leal, «Os modernistas portugueses e a Europa: notas de história política e cultural», *Clio. Revista do Centro de História da Universidade de Lisboa*, nova série, vol. II, 2004, pp. 175-188.

Pátria... e a marcação do nosso direito de potência colonial a ser considerada entre as primeiras do mundo... mas para esta obra esperávamos o concurso da mulher portuguesa que, se fosse educada e culta, podia – e há-de ser – um dos maiores e melhores elementos do ressurgimento nacional».<sup>31</sup> Para esta republicana, a mulher dedicar-se-ia à grande consagração das obras patrióticas após a I Guerra Mundial. E é da «federação – acentua – que nos é lícito esperar para o ressurgimento da Nação portuguesa». Mas essa missão era, na sua perspectiva, «dirigir moralmente, disciplinar severamente, educar para o trabalho o futuro povo de uma grande Pátria».<sup>32</sup> É verdade que esse activismo político feminino interveniente passara, em grande parte, pela Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (1909-1919).<sup>33</sup>

Como bem se sabe, nos anos 20, o movimento feminista, em desagregação, reorientaria as suas reivindicações para as questões mais específicas da educação, da assistência, dos direitos da criança, do abolicionismo. Assim sendo, a militância política parece perder espaço num período de instabilidade social, económica e governativa.<sup>34</sup>

Com isto não se quer dizer que mulheres como Adelaide Cabete (1867-1935) não se envolvessem insistentemente na vida política. Representante portuguesa nos encontros femininos, ela funda o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914), que edita o jornal *Alma Feminina*.<sup>35</sup> Também Aurora de Castro e Gouveia, na revista *Vida Feminina*, em 1925, defende, com clareza, a participação da mulher

---

<sup>31</sup> Ana de Castro Osório, *Realizações e possibilidades*, Porto, Edição da Junta Patriótica do Norte, 1932.

<sup>32</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>33</sup> João Gomes Esteves, *A Liga Republicana das Mulheres Portuguesas. Uma organização política e feminista (1909-1919)*, Lisboa, Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres, 1991.

<sup>34</sup> Paulo Guinote, *Quotidianos Femininos (1900-1933)*, vol. II, Lisboa, s. ed., 1998, p. 79.

<sup>35</sup> Adelaide Cabete, *O Congresso Internacional Feminista de Roma (Relatório da delegada oficial do Governo Português)*, Lisboa, Oficinas Gráficas do Instituto Profissional dos Pupilos do Exército, 1926, p. 6. Cfr. Alda Pereira da Silva, *Adelaide Cabete, alma de mulher*, Lisboa, C. M. L., 1997.

na política e na magistratura. Na década de 30, os esforços de propaganda feminista e a activa participação das mulheres a nível político passa pela pena de Elina Guimarães, jovem advogada e autora assídua de uma página no *Portugal Feminino*, publicação dirigida por Maria Amélia Teixeira. Outra forma de intervenção digna de registo era o ingresso na maçonaria (Ana de Castro Osório, Adelaide Cabete, Aurora de Castro Gambôa, Vitória Pais Madeira filiaram-se nas lojas *Carolina Ângelo*, *Humanidade* e *Humanidade dos Direitos Humanos*).<sup>36</sup>

Quer no âmbito da Liga das Mulheres Republicanas, quer no Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914), quer na Cruzada das Mulheres Portuguesas (1917), quer nos Congressos feministas (o 1º, em 1924, em Lisboa), quer nas revistas *Alma Feminina*, *A Semeadora*, *A Madrugada*, entre outras, vários são os temas explanados mas o mais recorrente é, sem dúvida, a questão da paz. Recorde-se que, em 1889, fora criada a Liga Portuguesa da Paz, de que foi presidente Alice Pestana (*Caïel* – 1860-1929), precursora dos ideais feministas e notável pacifista.<sup>37</sup>

Recorde-se, assim, que o pacifismo, na linha de Sebastião de Magalhães Lima (1850-1928), se consubstancia, por exemplo, no pensamento de Alice Pestana (1860-1929), mais conhecida pelo pseudónimo *Caïel*, no ideal de Federação dos Povos. A este propósito esta autora afirmava, de forma bem explícita: «É para essa fraternização dos estados autónomos que toda a humanidade caminha... – e pergunta – e não é, além de tudo o mais, a fraternização universal a melhor de todas as garantias para uma relativa felicidade individual?»<sup>38</sup>

Mas se nos anos vinte se registou alguma actividade das feministas (Maria Lamas (1893-1983), Teresa Leitão de Barros (1898-

---

<sup>36</sup> Fernando Marques da Costa, *A maçonaria feminina*, Lisboa, Vega, s. d., pp. 80-82.

<sup>37</sup> Maria Regina Tavares da Silva e Ana Vicente, *Mulheres Portuguesas. Vidas e obras celebradas. Vidas e obras ignoradas*, Lisboa, Comissão para a Igualdade e Direitos das Mulheres, s. d., pp. 59-68.

<sup>38</sup> *Caïel, Comentário à Vida*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1900 e *La Femme et la Paix. Appel aux mères portugaises*, Lisboa, Imp. Nacional, 1898.

-1983), Maria Amélia Teixeira, Regina Quintanilha (1893-1967), Aurora de Castro, para além das autoras já citadas), após os acontecimentos de 28 de Maio de 1926, os jornais mais conservadores acusavam de “terrível” inovação das mulheres portuguesas virem a público apresentar as suas propostas. Ou seja, a mulher política era então *persona non grata*.<sup>39</sup>

A verdade, todavia, é que a mulher intelectual portuguesa, nas primeiras décadas do século XX, vivia ainda preocupada essencialmente com a educação, base nodal da sua militância cívica e política. À semelhança do ideário de Charles Lemmonier e de Sebastião de Magalhães Lima, as mulheres intelectuais portuguesas desta época propugnavam, com alma, por uma Europa em paz. Não admira, desta forma, que Alice Pestana (*Caïel*) tenha desempenhado o cargo de Vice-Presidente da *Ligue des femmes pour le désarmement international*. O fim supremo da propaganda dos Amigos da Paz era, tal como para *Caïel*, a consumação do ideal superior – a Federação Europeia. Analise-se, deste modo, esse sentir no significado das suas palavras: «Eu desejo que Portugal que viveu já sangrentas guerras possa ser um caloroso apóstolo do direito internacional moderno. É – acrescenta – um dos meus votos mais ardentes, o que eu estimo como mais patriótico... Mas não nos compete cometer servis imitações. Conservemos a nossa gloriosa raça, as nossas honrosas tradições, a essência nacional».<sup>40</sup>

A força anímica destas mulheres, intelectuais portuguesas, expressa mais ou menos explicitamente, traduz-se no seu discurso verbal e escrito, à semelhança de muitas outras, como Louise Weiss, quantas vezes de uma forma apelativa e consistente, na defesa dos

---

<sup>39</sup> Maria Cândida Parreira, *A mulher na política e a política da mulher*. Conferência realizada no Teatro Nacional em 9 de Dezembro de 1934, Lisboa, Editorial Império, 1935, p.17.

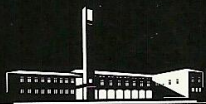
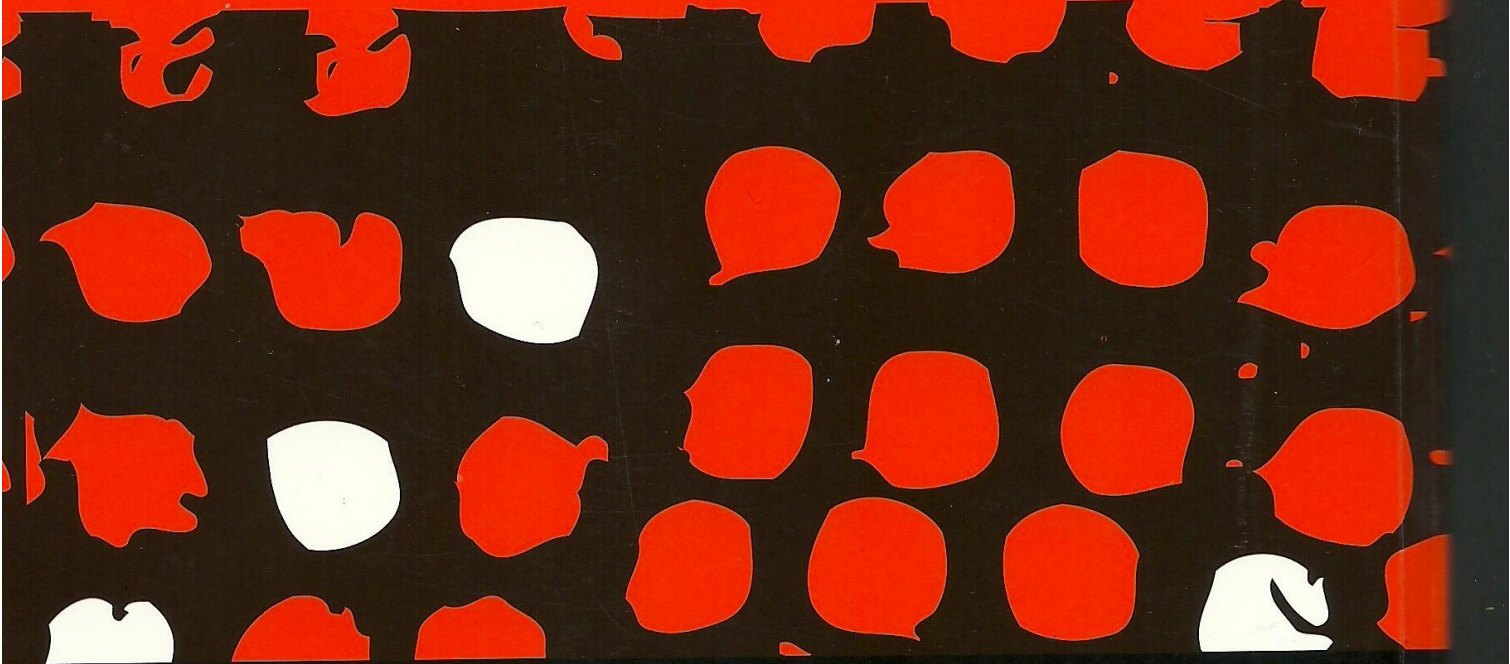
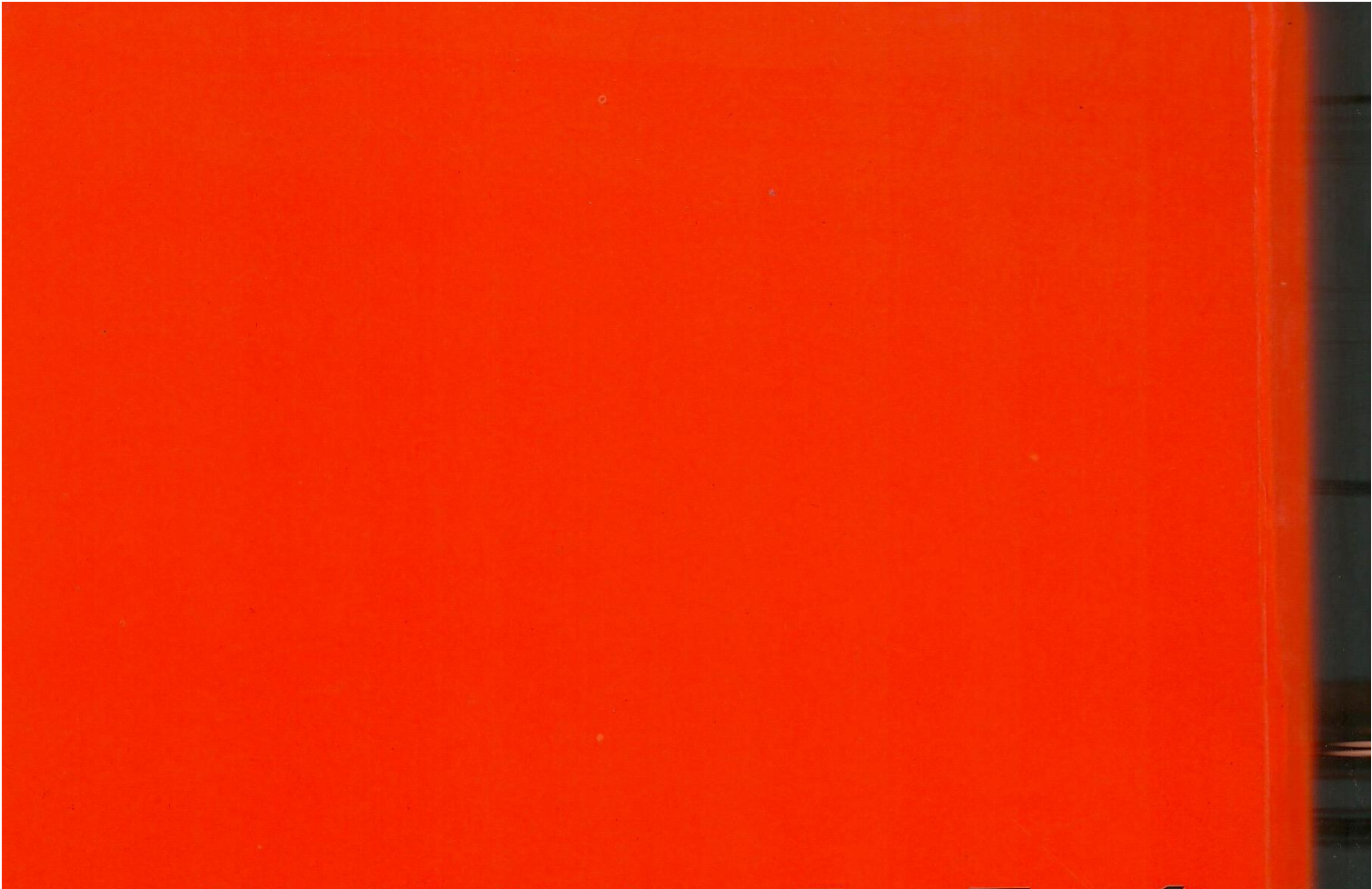
<sup>40</sup> Alice Pestana (*Caïel*), *La Femme et la Paix. Appel aux mères portugaises*, cit., pp. 23, 48, 63. Veja-se Manuela Delgado, “A.A. F. P. P. e a Paz”, *Boletim da Associação Feminina Portuguesa para o País*, nº 7, Julho, 1950, pp. 16-18. Cf. Maria Manuela Tavares Ribeiro, “A Europa dos Intelectuais nos alvares do século XX”, cit..

ideais supremos de Paz, de União, de Federação dos Povos na Europa. No seu pensamento, ainda que por vezes tão-só de forma implícita, subjaz este denominador comum: a unidade na diversidade, o uno consubstanciado no plural, a especificidade do nacional no todo, mas pela Federação. Este todo que é Europa.

### Conclusão

Em suma, pelo que acabamos de analisar, pode dizer-se que essa Europa em crise ou mesmo esse Ocidente em declínio só poderiam regenerar-se, no sentir de muitos, e de muitos intelectuais nacionais e estrangeiros, pela idealização da Europa, é certo, mas também, segundo uma concepção mais pragmática, pela construção de uma *Nova Europa*. Para uns, uma *Nova Europa* frente a uma *Anti-Europa* que ressurgisse da *Europa trágica*, segundo a expressão de Gonzague de Reynold (*L'Europe Tragique* – 1935). Para outros, uma Europa democrática, reconstruída numa Comunidade de Nações, como a conceberam “os pais fundadores”.

Os sinais de declínio eram já bem perceptíveis, como acentuámos, muito antes do começo do primeiro conflito mundial. A guerra foi, porém, o detonador e, assim, desferiu o “golpe mortal” à hegemonia da Europa. Por um reflexo quase biológico, muitos intelectuais europeus, como sucintamente se expôs, arvoraram a bandeira do pacifismo radical e foram igualmente os pioneiros, o mesmo é dizer, os agentes promotores e dinamizadores das ideias e dos modelos dos “Estados Unidos da Europa”.



**FAMALICÃO**  
Cultura para todos

